

DIA DO MÉDICO

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, segunda-feira, 18 de outubro de 2021

HOSPITAL
MOINHOS DE VENTO

LUIZA PRADO/JC



Uma relação que se fortalece

Reencontro gradual de médicos e pacientes em consultas presenciais se intensifica após imunização contra Covid

REPORTAGEM

Imunização estimula o retorno a consultórios

Pandemia afastou pacientes, que agora retornam gradualmente em busca de atendimento médico

Karen Viscardi, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

A servidora pública federal Detiana Pereira Custódio costumava fazer com frequência seus exames periódicos até 2020. “Sem nenhuma queixa ou sintoma, deixei para fazer o checkup no mês passado, depois de vacinada com as duas doses”, detalha. O receio não era somente com o risco de se contaminar, mas de transmitir para a família. Casada, mãe de três meninos e morando com a mãe, decidiu se resguardar.

Após retornar ao médico para uma consulta presencial em setembro deste ano, fez os exames de rotina, com resultado um pouco acima do limite apenas para colesterol. Mais confiante a partir da imunização, agendou horário para a mãe, que se queixa de dor no joelho e estava postergando a ida ao traumatologista. “Este ano, estou mais tranquila. Estava com muito medo, agora mês passado voltei a fazer academia”, conta.

Assim como muitos deixaram de buscar atendimento médico, outros, apesar do medo, tiveram necessidade de agendar consulta. As angústias, a

solidão ou mesmo a negação fazem parte dos relatos dos pacientes que buscaram atendimento de saúde. A situação não é exclusiva de pessoas acometidas por Covid, e desafia os médicos a ouvirem além das queixas cotidianas dentro dos consultórios.

“Como médicos, temos de respeitar muito nosso paciente. Independente da especialidade, nosso papel também é escutar essas pessoas e oferecer algum conforto. Muitas das consultas no ano passado foram quase um desabafo”, relata o oftalmologista Cristiano Leite. Enquanto algumas mostram certo pânico por causa do coronavírus, outras, ao contrário, tiram a máscara no consultório sem necessidade. Nos dois casos, o caminho é a conversa. “Estamos aqui também para ajudá-las a se protegerem, inclusive explicar que podem ficar de máscara”, afirma Leite.

O desconhecido não atingiu somente pacientes. Médicos e equipes que atuam na área da saúde também sofreram com a doença. “Todos ficamos mais ansiosos no início, e não podíamos deixar que isso atrapalhasse nossa visão técnica. Até para tranquilizar alguns pacientes que chegavam com um nível de ansiedade maior”, explica o cirurgião plástico Giuliano Borille, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica - Regional do Rio Grande do Sul.

A dermatologista Analupe



Relação médico-paciente se manteve na pandemia, e agora se fortalece com consultas presenciais

Webber, presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia do Rio Grande do Sul, relata que as pessoas se sentem mais seguras no consultório do que no hospital, mas algumas ainda têm receio de tirar a máscara para ser examinado. “Procuramos mostrar que adotamos todos os protocolos. Usamos Equipamento de proteção individual (EPI), deixamos as janelas abertas e cuidamos da limpeza do consultório. Como precisamos chegar muito perto do paciente para examinar, temos de nos proteger e protegê-lo”, observa a médica.



Detiana fez check-up mês passado e agendou horário para a mãe

Isolamento adiou tratamentos na pandemia; hospitais devem organizar mutirões

“O ano de 2020 foi muito complicado para médicos e pacientes. Os idosos eram grupo de maior risco de mortalidade. Com isso, muitos ficaram e outros continuam confinados. A situação tem impactos não só do ponto de vista físico, mas emocional, com crise de ansiedade”, explica o geriatra Vitor Pelegrim, que é mestre em cardiologia e faz doutorado em endocrinologia, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

Nesta faixa de idade, grande parte dos que eram ativos em tempos normais, passaram a ser sedentários. Com mais dificuldade para se movimentar, muitos tiveram perda de massa muscular e de capacidade

física. Hoje, o que se observa nos consultórios de geriatria é uma fase de reabilitação dos que ficaram parados e que voltaram a se exercitar e a comer melhor.

“As pessoas vão ter de se recuperar desse período de confinamento, que traz muitos prejuízos para os idosos do ponto de vista funcional. É importante, o quanto antes, retomarem as atividades. Somente agora vamos conseguir enxergar o quanto ficou de sequela e reabilitar para voltar aos patamares de antes”, diz Pelegrim.

O impacto na saúde física e mental da população, não apenas para os idosos, ainda é uma incógnita e suas consequências só serão

conhecidas com o tempo. Gabriela Donadel, professora de Língua Portuguesa da rede privada de Porto Alegre, e mãe do Calvin, buscou atendimento de emergência ao sentir desconforto nos batimentos cardíacos em agosto de 2020.

O médico informou Gabriela que o resultado indicava início de infarto. Após detectar alteração, foi solicitado um exame mais detalhado, que demoraria o dia inteiro. “Até hoje não fui fazer. Antes, por medo de me expor ao ambiente hospitalar. Hoje, por falta de tempo e um pouco de medo ainda. Fomos a clínicas médicas, mas evitei hospital o máximo que pude. Voltei à emergência por conta de um machucado no pé do

Calvin, apenas. Quanto a questões médicas, estou com as consultas em dia, mas o Calvin só levo quando precisa. E ele se manteve bem, quase não ficou doente neste período”, revela Gabriela.

O receio do ambiente hospitalar é comum e pode acarretar agravamento de outras doenças mais graves, como câncer, por exemplo. Somente com a retomada da normalidade, será possível descobrir quais enfermidades poderiam ter sido detectadas durante a pandemia e que tiveram seu diagnóstico postergado.

Para se ter uma ideia do que ficou para trás em termos de prevenção e diagnóstico, entre março de 2020 e junho de 2021, mais de

7 mil consultas oncológicas deixaram de ser realizadas por hospitais pelo Sistema Único de Saúde no Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, foram disponibilizadas 3.667 consultas a menos do que o necessário. No interior, esse número foi de 3.457.

As subespecialidades de oncologia com maior diminuição de oferta nos últimos meses na Capital foram ginecologia, neurocirurgia, oncopediatria e urologia. A menor oferta levou a Secretaria da Saúde (SES) a estabelecer em setembro uma meta de zerar em até seis meses as filas de espera para primeira consulta oncológica em todo o Rio Grande do Sul. Para isso, os hospitais devem organizar mutirões.

Médicos tiveram que lidar com parte emocional

Além de tratamentos pontuais, contexto da pandemia fez com que pacientes levassem a consultórios situações de fragilidade emocional

Uma nova variável foi incluída na hora de decidir sobre a adoção de determinado procedimento de saúde a partir do contexto da pandemia. A realidade posta há mais de um ano e meio reforçou a importância de uma relação mais horizontal entre médico e paciente. Sem uma receita, como em remédios, os profissionais da saúde passaram a lidar com o emocional mais fragilizado de quem buscava e ainda busca atendimento.

“Tivemos de pesar mais a relação risco x benefício de cada situação. Alguns pacientes estavam mais tranquilos, outros tinham medo. Precisamos nos adaptar a esta nova realidade, mas conseguimos lidar bem”, explica o geriatra Vitor Pelegrim, vice-coordenador do Programa de Residência Médica em Geriatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e pesquisador do Núcleo de Pesquisas sobre o Envelhecimento e o Idoso da Universidade de São Paulo (USP).

Desde o começo da pandemia, foram seguidas as orientações preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). “Para abrir a porta do consultório, tínhamos de ter segurança do que estávamos fazendo para não criarmos riscos desnecessários”, conta o cirurgião plástico Giuliano Borille, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional do Rio Grande do Sul (SBCP-RS).

Cada caso é um caso, e toda a pessoa tem de ser escutada, considera o oftalmologista Cristiano Leite. “Teve paciente com indicação de cirurgia, mas que poderia esperar. Sempre converso, informo da possibilidade de o procedimento ser planejado e escuto o que ele está trazendo. Às vezes, uma doença ou problema de saúde está interferindo muito no dia a dia. Então, precisa agir com mais rapidez”, diz Leite, que atende em clínica e no Hospital Vila Nova, em Porto Alegre.

Com um grande número de médicos e pacientes de maior risco por serem idosos, especialmente na geriatria, muitos tiveram atendimentos remotos. “Aprenderam e se adaptaram no uso de meios digitais, como o Meet e o WhatsApp. Também foi uma

revolução a utilização de receitas digitais para quem já era paciente”, destaca Pelegrim. Segundo o médico, após o fechamento do consultório no começo da pandemia, o número de atendimentos normalizou ao longo do ano – seja na modalidade presencial ou online, que chegou a quase 100% e que hoje está abaixo de 20%.

Até que se tivesse evidência de que os tratamentos dermatológicos pudessem ser realizados sem maior risco ao paciente em relação ao Covid, médicos evitaram realizar procedimentos, segundo a médica Analupe Webber, presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia do Rio Grande do Sul (SBD-RS). Muitas questões puderam ser respondidas parcialmente em teleconsultas, por exemplo. “Embora precisem ser avaliadas presencialmente para um diagnóstico definitivo, a teleconsulta ajudou e, aos poucos, foram surgindo consensos sobre risco x benefício.”

Mas tanto na dermatologia, quanto na oftalmologia, há casos em que é difícil adotar o atendimento remoto. A presidente da SBD-RS relata a dificuldade de avaliação em exames de sinais, por exemplo, onde o uso de equipamentos no consultório auxiliam na avaliação das lesões.

Queda do número de doadores reduz transplantes

O período prolongado da incidência de Covid-19 no País impactou na realização de transplantes no Rio Grande do Sul. A média, que estava alcançando 18 doadores por milhão de habitantes, está em 14 doadores por milhão.

Com a retração, a fila em lista de espera no primeiro semestre deste ano foi maior do que todo o ano passado. No Estado, foram 96 transplantes neste ano até agosto. Durante todo o ano de 2020, foram 182 e, em 2019, houve 243 doações.

“Está faltando doador, pois as UTIs estiveram praticamente lotadas por pacientes Covid”, explica Antonio Kalil, diretor médico da Santa Casa de Porto Alegre, destacando que a

média de doadores do Estado é quase a metade de Santa Catarina e Paraná, com 30 a cada 1 milhão. Para melhorar a média de doação de órgãos, o médico considera fundamental a adoção de uma campanha permanente, incluindo o estímulo nas escolas.

Neste ano, a Santa Casa lançou a campanha “Não deixe que a vida acabe em você”, explicando que apenas uma pessoa declarando-se doadora pode salvar até oito vidas.

A série traz vídeos com depoimentos e esclarecimentos sobre doação de órgãos e orienta as pessoas a conversarem com seus familiares sobre a intenção de doarem seus órgãos. Hoje, a fila de espera ultrapassa 45 mil pessoas no País.

18 DE OUTUBRO
Dia do Médico

MOTIVADOS PELA
GRATIDÃO

OBRIGADO A TODOS OS
MÉDICOS QUE MOVEM
MOINHOS PARA AMPLIAR AS
FRONTEIRAS DA SAÚDE COM
EXCELÊNCIA, CONHECIMENTO
E HUMANIDADE.

★★★★★
WORLD'S BEST HOSPITALS 2021
Newsweek
PUBLISHED BY statista

HOSPITAL
MOINHOS DE VENTO

REPORTAGEM

Após represamento, cirurgias eletivas voltam gradativamente

Cresce o número de cirurgias eletivas nos hospitais de Porto Alegre, mas o volume ainda está abaixo da necessidade da população que necessita do SUS. Conforme a Secretária Municipal da Saúde (SES-RS), cerca de 18 mil procedimentos cirúrgicos eletivos foram autorizados pelo sistema Gerint, que gerencia as internações na Capital. Há cerca de um mês, eram 30 mil em lista de espera. Outras 30 mil aguardam consultas eletivas de especialidades cirúrgicas, quase a metade das 58 mil que estavam na fila por atendimento em setembro.

Mutirões de cirurgias represadas do SUS vêm sendo realizadas pela Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. “Comparados a antes da pandemia, estão relativamente estabilizados, mas a fila é maior porque muitos procedimentos não foram realizados no ano passado”, explica Antonio Kalil, diretor médico da Santa Casa, destacando que há demanda por cirurgias em todas as áreas, incluindo convênios e particular.

As operações mais comuns na Santa Casa estão relacionadas a câncer, doenças cardiovasculares e neurológicas. “Muitos pacientes tiveram diagnósticos tardios de tumor de intestino e de mamas. Com isso, há uma maior gravidade no quadro e

acabam permanecendo mais tempo internados”, assinala Kalil. Outros procedimentos, que exigem atenção, mas têm menor complexidade, são as de hérnias, vesículas e doenças oftalmológicas.

A redução de atendimentos oftalmológicos, seja por medo de se contaminar por coronavírus ou dificuldade de acesso, vem provocando o agravamento de condições clínicas.

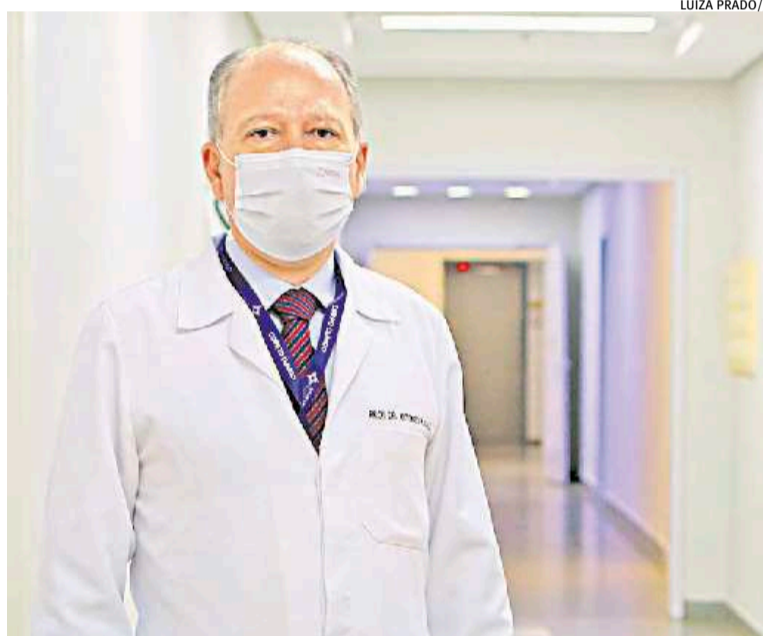
No Hospital Banco de Olhos de Porto Alegre, a utilização dos serviços está aquém da capacidade do hospital, que se manteve em operação desde o começo da pandemia. No hospital onde o SUS é responsável por 60% dos atendimentos, o fluxo representa 80% do registrado até 2019. Porém, na área de convênios e privada, o percentual é menor, destaca Luciano Castro Gomes de Mello, diretor administrativo do hospital.

Não há dados consolidados dos convênios e atendimentos particulares, e a realidade é divergente entre as instituições. O Hospital Mãe de Deus está funcionando a pleno, destaca Euler Manenti, diretor médico da instituição.

“O hospital está cheio, as cirurgias e os exames estão sendo realizados, os laboratórios e o centro clínico seguem sua rotina. Tudo dentro de rigorosos processos de proteção e



Volume de atendimentos cresceu em Porto Alegre neste ano, mas ainda está abaixo das necessidades



Kalil observa que muitos procedimentos não foram realizados em 2020

segurança, em uma medicina baseada em evidência e na ciência”, reforça o médico.

A frequência no ambulatório e no centro cirúrgico do Hospital Ernesto Dornelles, que atende convênios e particulares, está em torno de 70%. Já as UTIs estão com praticamente 100% de ocupação, detalha Airton Bagatini, coordenador da Perspectiva Assistencial do Ernesto Dornelles. A média no ambulatório e no centro cirúrgico poderia ser maior, relata o médico.

“O que impede uma maior lotação é o receio dos pacientes, mas tomamos todos os cuidados, as consultas espaçadas e não há acúmulo na área de espera e nos consultórios do ambulatório, que foram reformados”, destaca Bagatini.

Entidades médicas defendem celeridade na retomada de diagnósticos

A situação melhorou nos últimos meses, após um primeiro semestre de queda no número de consultas, exames de rastreamento e outros procedimentos pelo SUS no País. Nos seis primeiros meses, foram realizados 50 milhões de procedimentos médicos ambulatoriais eletivos, 20% a mais em comparação ao mesmo período do ano passado (41,6 milhões). Mas considerando-se o primeiro semestre de 2019, há uma queda de 14%.

Em relação às cirurgias eletivas, houve melhora entre abril e junho. Mas como os números do primeiro trimestre ficaram bem abaixo de 2019, o desempenho do primeiro semestre foi de certa estabilidade,

apenas 1,5% em relação ao ano anterior. Já na comparação a 2019, o resultado ficou bem aquém.

Segundo o Conselho Federal de Medicina (CFM), entidades médicas defendem a necessidade de dar mais celeridade à retomada dos procedimentos ambulatoriais e de cirurgias eletivas.

Em números absolutos, os procedimentos realizados por oftalmologistas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) foram os que tiveram maior queda entre março e dezembro de 2020, considerando-se a mesma base de comparação de 2019. Foram 12,2 milhões em 2020, contra 18,5 milhões de procedimentos em 2019.

Levantamento do Conselho

Brasileiro de Oftalmologia (CBO) indica que 3,7 milhões de consultas oftalmológicas deixaram de ser realizadas em 2020 pelo SUS, número 35% inferior a 2019.

No caso das cirurgias, a redução chegou a 390 mil procedimentos no país, o que representou uma queda de 27% considerando-se a mesma base de comparação.

Em entrevista à Agência Brasil, o presidente do CBO, José Beniz Neto, destaca que milhares de pessoas receberão laudo de sua saúde ocular com problemas em estado mais avançado. “O controle dessas doenças fica mais complexo e difícil, com aumento da possibilidade de comprometimento da visão, seja total ou parcial”, considera Neto.

Somente para tratar ou reverter glaucoma, considerada principal causa de cegueira evitável no mundo, pelo menos 6,5 mil cirurgias deixaram de ser realizadas no SUS no ano passado. A retração chegou a 22%, segundo números analisados pelo CBO. Com a flexibilização do isolamento social na maior parte do País e a retomada das operações, os especialistas temem alta expressiva da demanda e pacientes com a doença em estágio agravado.

Para acelerar a retomada dos diagnósticos, uma das alternativas é a adoção de mutirões de atendimento. Entre o final de setembro e o início de outubro, por exemplo, uma parceria entre Ministério Público do Rio Grande do Sul, Hospital de

Clínicas de Porto Alegre, Promotoria de Justiça da Infância e Juventude de Porto Alegre e com apoio da Sociedade de Oftalmologia do Rio Grande do Sul (Sorigs), proporcionou um mutirão solidário para consultas oftalmológicas de 220 crianças e adolescentes em acolhimento institucional.

Outra ação da Sorigs para tirar a pressão sobre o SUS está sendo gestada em parceria com a prefeitura de Porto Alegre. Até o final do ano deve ser lançado o projeto “Consulta Solidária”, onde consultórios e clínicas irão ampliar a rede de atendimento ao abrir horários na agenda para exames gratuitos, principalmente de refração, para atualização dos óculos.

Procura por cuidados estéticos supera período pré-pandemia

Maior atenção com a aparência amplia o movimento de clínicas de dermatologia e a procura por cirurgias plásticas

Restrições de circulação e participação em videochamadas, reuniões ou conferências por vídeo levaram as pessoas a ficar mais atentas aos cuidados estéticos e com aparência. Com isso, aumentou o movimento de clínicas de dermatologia e a procura por cirurgias plásticas. Os dados mais recentes da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) são de 2018, mas a percepção dos médicos é de que os agendamentos de procedimentos superaram, inclusive, o ano de 2019.

No Hospital Ernesto Dornelles, o número de plásticas este ano foi o que

mais cresceu entre as cirurgias eletivas realizadas. Para se ter uma ideia, levando em consideração apenas setembro de 2021, a alta foi de 22% sobre o mesmo mês de dois anos atrás, em período pré-pandêmico. “A pandemia fez as pessoas pararem e pensarem em cuidar mais de si, a buscar bem-estar”, ressalta Airton Bagatini, Coordenador da Perspectiva Assistencial do Hospital Ernesto Dornelles.

A unidade Carlos Gomes do Hospital Mãe de Deus também registra o fenômeno de aumento de cirurgias plásticas. “Nos primeiros dias de outubro e o bloco já está lotado para todo o mês”, informa Euler Manenti, diretor médico do Mãe de Deus, lembrando que a unidade é basicamente dedicada a cirurgias, com destaque para as plásticas.

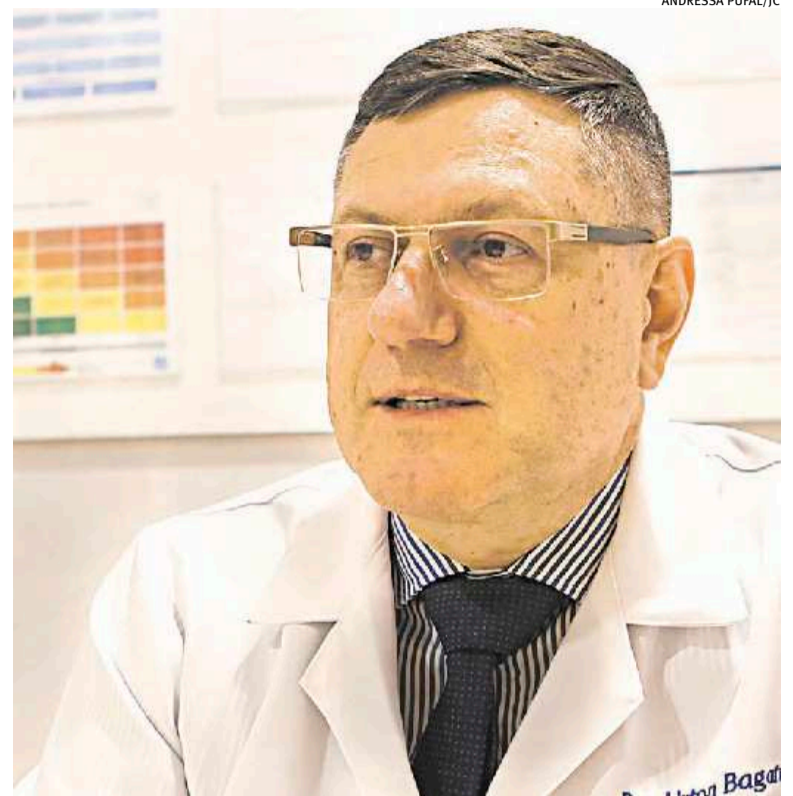
Nos consultórios, a dermatologista Analupe Webber considera que a

procura aumentou após um período de represamento. “O foco agora é a pessoa. De maneira geral, os pacientes estão mais atentos com a saúde da pele. Este autocuidado e a confiança a partir da vacinação deve aumentar a procura por médicos, em geral”, afirma a dermatologista.

Outro fator que favorece o movimento nas clínicas de dermatologia e de cirurgia plástica é o fato de parte da população ter deixado de desembolsar com viagens, considera Analupe. Assim, recursos vêm sendo usados em procedimentos dermatológicos estéticos e plásticos. A percepção é compartilhada pelo cirurgião plástico Giuliano Borille. “As viagens competem em determinado grau com a cirurgia”, avalia.

Aliado a isso, muitos deixaram de fazer exercícios, mudaram os hábitos alimentares, o que favoreceu o ganho de peso durante o confinamento. “O número de procedimentos de contorno corporal, como lipo, combinada ou não com retirada de pele, cresceu 30% em relação a anos anteriores à pandemia”, conta Borille.

A combinação pandemia, ansiedade e aumento de peso é considerada ruim para a tomada de decisão por um procedimento. “Frequentemente,



ANDRESSA PUFAL/JC

Bagatini, do Hospital Ernesto Dornelles, vê busca por bem-estar

explicamos que ainda não é momento de operar. Melhor antes regularizar hábitos de saúde e exercícios. Caso contrário, os problemas irão se perpetuar. As pessoas têm urgência de resolver

como se cirurgia sanasse tudo o que aconteceu durante dois anos. Primeiro, o paciente deve voltar ao autocuidado para depois a gente entrar com procedimento”, orienta Borille.



18 DE OUTUBRO DIA DO MÉDICO

mark

**VALORIZE O MÉDICO,
VALORIZE A VIDA.**

simers

ENTREVISTA

‘Relação médico-paciente se transformou na pandemia’

Nesta entrevista ao JC, o superintendente médico do Hospital Moinhos de Vento, Luiz Antonio Nasi, comenta as mudanças observadas na relação médico-paciente durante a pandemia

Osni Machado

osni.machado@jornaldocomercio.com.br

Jornal do Comércio – A pandemia da Covid-19 intensificou a troca de conhecimento médico?

Luiz Antonio Nasi – Foi uma reproximação de todas as áreas e subáreas da Medicina, que envolvem desde as ciências biomédicas até a pesquisa — pesquisa de bancada, os pesquisadores trialistas (como chamamos especialistas que montam ensaios clínicos para obtenção das melhores respostas, não só de efeito, mas também de eventos adversos) etc. Passamos a trabalhar de forma mais integrada. E foi necessária uma velocidade maior aliada a essa integração, mais agilidade ao gerar conhecimento de aplicação prática dentro de um contexto de transformação da vida das pessoas, causada por essa doença.

JC – Houve um esforço para se obter informações e transpor as

barreiras na área médica?

Nasi – A área médica não tem fronteiras. Há muitas décadas temos, no Hospital Moinhos de Vento, medicina e assistência de excelência alinhadas ao que é feito de mais inovador nos grandes centros de saúde do mundo. Acompanhamos em tempo real as publicações, as principais pesquisas. O que mudou foi que precisamos transpor as barreiras da área médica pela necessidade de dar respostas rápidas frente ao vírus desconhecido. E isso ampliou a colaboração, mas também nos trouxe uma certa preocupação. Ela é fundamental para que os resultados sejam duradouros e tenham os benefícios que toda a população espera.

JC – A relação médico-paciente se transformou neste período da pandemia? Qual é a sua análise?

Nasi – A relação médico-paciente também se transformou nesses quase dois anos. Na verdade, todos os pacientes ficaram amedrontados com a probabilidade da morte batendo na porta. Muitos tiveram crises de pânico, ansiedade, estão deprimidos. Isso acontece principalmente com os idosos, que moram sozinhos, assim como pessoas acometidas por doenças crônicas. Todos esses aspectos interferem nesta relação médico-paciente. E destaco

que o grande desespero das pessoas é saber qual o seu risco em ter a doença e, adquirida a doença, como isso pode ser amenizado, como evitar sequelas ou a morte. Esses sentimentos carregam uma exigência adicional ao médico, porque ele também não dispõe integralmente dessas respostas. Mas o profissional tem a obrigação de dizer a verdade e, inclusive, demonstrar a sua insegurança em relação ao temor sobre algumas práticas médicas que eventualmente não foram ainda suficientemente testadas.

JC – Muitas pessoas deixaram de procurar seus médicos neste período. Quais são os riscos em retardar as consultas?

Nasi – As principais consequências do cenário de restrições de atendimento foram sentidas nas áreas de cardiologia e da oncologia. O mundo inteiro registrou um aumento significativo do número de diagnósticos, muitos tardios, especialmente nos últimos meses, em função da demanda reprimida. As pessoas ficaram com medo de ir aos hospitais e aos consultórios médicos para realizar os seus exames, suas consultas. Essa demanda reprimida pode ter consequências perigosas e desastrosas para o paciente devido à evolução da doença, seja ela cardíaca



LEONARDO LENSKI/DIVULGAÇÃO/JC

Nasi aponta uma reaproximação de todas as áreas da Medicina

ou oncológica. O diagnóstico precoce e o tratamento, feito de uma forma profissional, são fundamentais para se evitar complicações graves.

JC – A telemedicina veio para ficar?

Nasi – A telemedicina ganhou muita evidência e importância durante a pandemia. Enfrentamos uma certa resistência das entidades médicas, mas ela surgiu como alternativa eficaz. Acho que não tem retorno. Ela faz o atendimento chegar às pessoas de uma forma adequada, promove conhecimento, proporciona a troca de informações relevantes para que se possa tranquilizar

os pacientes, permite avaliar riscos e, a partir da consulta remota, fazer os encaminhamentos adequados. Não significa que vamos usar a telemedicina para fazer um tratamento completo e perene. Mas precisamos dela para avaliar os pacientes de risco, estimar a probabilidade desse paciente precisar de exames complementares, até para detectar a necessidade de buscar a emergência do hospital ou um serviço especializado. Então, seguramente, a telemedicina vai ser incorporada à rotina do atendimento médico, respeitando a ética e adequada aos protocolos médicos.

Hospital Moinhos de Vento destinará R\$ 200 milhões para 42 iniciativas até 2023

Programa contempla pesquisa, educação, avaliação de novas tecnologias, gestão e assistência especializada

O Hospital Moinhos de Vento prevê destinar a quantia de R\$ 200 milhões no desenvolvimento de 42 projetos de pesquisa, educação, avaliação de novas tecnologias, gestão e assistência especializada até 2023. O investimento faz parte de um programa desenvolvido em parceria com o Ministério da Saúde e que busca transferir para o Sistema Único de Saúde (SUS) a expertise de hospitais considerados de excelência, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do SUS (Proadi-SUS).

A instituição pretende aperfeiçoar, ainda mais sua estrutura de governança nos projetos Proadi-SUS, informa o superintendente de Responsabilidade Social do Hospital Moinhos de Vento, Luís Eduardo Ramos Mariath. Ele explica que o Hospital Moinhos de Vento quer conectar cada vez mais os projetos desenvolvidos à expertise que possui e às necessidades da população brasileira.

“O Proadi-SUS existe desde 2009 é um programa de longo prazo, por isso nos permite aperfeiçoamentos para

deixá-lo cada vez melhor para cumprir o que se propõe, que é aperfeiçoar o SUS.”

No Hospital Moinhos de Vento, um comitê gestor formado por diretores e um comitê executivo, formado por outras lideranças, define projetos que serão pactuados com o Ministério da Saúde.

Segundo Mariath, os projetos têm de responder algumas demandas: o projeto tem potencial para aumentar a oferta de atendimento?; diminui custos para o SUS?; qualifica os processos e melhora os indicadores de saúde do Brasil?

O Moinhos de Vento é o único hospital no Sul do Brasil, que participa do Proadi-SUS, parceria público-privada (PPP) criada para apoiar o SUS. O programa reúne seis instituições filantrópicas, sem fins lucrativos, referência em qualidade médico-assistencial e em gestão. A lista é formada por: Hospital Alemão Oswaldo Cruz, A Beneficência Portuguesa de São Paulo, HCor, Hospital Israelita Albert Einstein, Hospital Sírio-Libanês e o Hospital Moinhos de Vento.

De acordo com o superintendente, o programa busca a redução de filas de espera; a qualificação de profissionais; pesquisas do interesse da saúde pública para necessidades atuais da população; a gestão do cuidado apoiada por inteligência artificial e a melhoria da gestão de

hospitais públicos e filantrópicos do País.

Mariath lembra que o programa é gerido por triênios e nos primeiros anos de atuação no Proadi-SUS, (triênio 2009 a 2011), o Hospital Moinhos de Vento investiu R\$ 73 milhões; no segundo (2012/2014), passou para R\$ 130 milhões; no terceiro (2015/2017) foram mais de R\$ 188 milhões. “Entre 2018 e 2020 foram R\$ 225 milhões e neste, que está em curso (2021/2023), serão em torno de R\$ 200 milhões, um pouco menos, porque a pandemia da Covid-19 nos trouxe dificuldades.”

O objetivo da instituição no atual triênio é ter, pelo menos, 40 projetos até 2023. “Estamos agora com 19 projetos, sendo três novos e os demais de continuidade. Outros 12 novos estão em análise no Ministério da Saúde.”

Uma das grandes iniciativas, segundo Mariath, ocorreu logo no início do Proadi-SUS, liderado pelo Hospital Moinhos de Vento, com a implantação do Hospital Restinga e Extremo-Sul, que consumiu boa parte dos investimentos (R\$ 250 milhões), e que impactou mais de 100 mil pessoas da região. “Transferimos esse patrimônio para o município de Porto Alegre em 2015, atualmente o hospital é gerido pela Associação Hospitalar Vila Nova”, acrescenta.

Mariath diz que em 2016 e 2017, o Moinhos de Vento começou a investir mais fortemente em projetos na área de avaliação tecnologia em saúde. Depois veio o Projeto Paciente Seguro e na sequência, o Projeto Saúde em Nossas Mãos. “Esse foi um projeto que resultou em uma economia de mais de R\$ 300 milhões para o governo e mais 2 mil vidas salvas, por conta da melhoria do ambiente das UTIs. Agora vamos estender a atuação para 224 UTIs pelo Brasil, um aumento de quase 70% com relação

ao triênio anterior. É um projeto que deu resultados expressivos”, informa.

O superintendente lembra de ações na área telemedicina como projeto TeleUTIs com atuação em todo o Brasil e no atendimento em teleconsultas, que ajudaram a reduzir a mortalidade e o tempo de internação em UTIs. Mariath cita também o projeto Teleoftalmo que foi desenvolvido durante seis anos em parceria com o Telessaúde e, no final do ano, será repassado em funcionamento para o Estado do Rio Grande do Sul.

HOSPITAL MOINHOS DE VENTO/DIVULGAÇÃO/JC



Mariath explica projeto feito em parceria com Ministério da Saúde

ENTIDADES MÉDICAS

Cremers intensifica o combate ao exercício ilegal da Medicina

Conselho Regional destaca a atuação de médicos durante a pandemia do coronavírus

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

Autarquia federal de direito público, com quase 70 anos de atuação, o Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul (Cremers) intensificou, em 2021, a atuação no combate ao exercício ilegal da Medicina. Segundo o presidente da entidade, Carlos Isaia Filho, o foco é impedir que profissionais sem formação realizem procedimentos exclusivos da classe médica.

“Isso tem ocorrido na área de embelezamento, onde muita gente oferece serviços de preenchimentos com botox, correção de orelhas de abano (rinoplastia), entre outras pequenas cirurgias”,

ênfata o dirigente. Ele alerta que estes procedimentos não podem ser feitos por outro profissional que não seja um médico. “Quando essas intervenções são realizadas por pessoas não qualificadas, a possibilidade de complicação é muito maior, e nesse caso só quem poderá resolver o problema gerado é o médico, que não saberá o que foi aplicado, o que dificulta a correção.”

Formado por 42 conselheiros (eleitos a cada cinco anos), que trabalham para garantir que todas as atividades da Medicina ocorram de forma ética, o Cremers “é um órgão fiscalizador e de controle, e suas atribuições diferem da atuação de uma entidade de classe ou associação de classe”, destaca Isaia Filho. A entidade, que busca a ética dentro da área de atuação, tem como procedimento apurar todas as denúncias que chegam à Corregedoria do Conselho. Segundo o dirigente, é obrigação

legal do Cremers abrir sindicância toda vez que houver queixa formal de qualquer pessoa contra médicos e aplicar as normas dos códigos de Ética Médica e de Processo Ético-Profissional aos que apresentarem conduta antiética.

Além disso, o Cremers – assim como todos os conselhos que pertencem ao sistema do Conselho Federal de Medicina – tem outras funções básicas: registrar todos os médicos do Estado; fiscalizar as condições de atendimento e trabalho nos espaços de Saúde (hospitais, e clínicas); e esclarecer quaisquer dúvidas de pacientes e médicos através de sua Ouvidoria.

Desde março de 2020 – e principalmente até o início do segundo semestre de 2021 –, o Cremers também trabalhou junto aos hospitais e secretarias de Saúde vistoriando “de forma intensa” os setores envolvidos, a fim de contribuir da “melhor forma possível” para que



LUIZA PRADO/JC

Isaia Filho diz que pandemia ‘estreitou muito’ relação médico-paciente

médicos e demais profissionais pudessem atuar com segurança no enfrentamento à pandemia de Covid-19.

O dirigente aponta gargalos encontrados, a exemplo da falta de leitos de UTI (no início do período pandêmico), seguido de falta de medicamentos. “Toda a intenção dos médicos nesta pandemia foi de salvar vidas: entrou um vírus novo, e se buscou ao máximo descobrir tratamentos mais efetivos ou profiláticos”, afirma Isaia Filho. O presidente do Cremers sublinha que “a única eficácia dada até agora foi a vacina”.

Isaia Filho acrescenta que a pandemia “estreitou muito” a relação médico-paciente, que “deixou de ser verticalizada, para ser mais horizontalizada”.

“Os pacientes (com acesso à internet) estão mais exigentes, e permitindo ao médico sentar, conversar, discutir e dar alternativas, para que possam tomar uma decisão conjunta”, afirma o presidente do Cremers. “Isso dá a possibilidade de abrir mais a relação, de avaliar melhor o tratamento e o risco/benefício, questões importantes que fazem parte do bom atendimento.”

Uma vida dedicada a salvar vidas.



Seu cuidado e atenção ao próximo nos permite crescer cada vez mais fortes para enfrentar os maiores desafios.

E é graças a profissionais como você que seguimos firmes em nosso principal compromisso:

cuidar da saúde de todos.

18 de outubro
Dia do Médico



somoscoop

Unimed

ENTIDADE MÉDICA

Simers comemora 90 anos de atuação

Sindicato Médico do Rio Grande do Sul tem mais de 15 mil associados em todo o território gaúcho

Cristine Pires

cristine.pires@jornaldocomercio.com.br

No início da década de 1930, a falta de regulamentação da profissão de médico permitia que pessoas que se declarassem atuantes na Medicina fossem reconhecidas como tal. A desvalorização e os problemas decorrentes da inexistência de normas levaram os profissionais a se mobilizarem e, em 20 de maio de 1931, nasceu o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers).

Àquela época, a primeira conquista da instituição sindical foi garantir o exercício da Medicina apenas por profissionais habilitados, o que ficou regulamentado por decreto em 11 de janeiro de 1932. “Conseguimos a determinação de que os médicos que viessem do exterior precisassem passar por uma prova de conhecimentos, chamada Revalida. Passadas nove décadas, o mesmo tema voltou à tona porque a regulamentação da profissão sempre foi um tema difícil e que envolve muitos interesses”, afirma o presidente do Simers, Marcelo Matias.

Considerado hoje o maior sindicato médico da América Latina, o Simers oferece plantão 24h por dia para atender seus mais de 15 mil associados de todo o Estado, sejam estudantes de Medicina, médicos residentes ou profissionais experientes. O médico pode acionar os serviços a qualquer momento e terá à disposição assessorias política, jurídica e de comunicação.

A entidade também descentralizou a prestação de serviços. A atual gestão conseguiu implementar 34 delegacias no Interior, atuando diretamente em 111 municípios gaúchos, contando com o médico delegado, advogado, jornalista e assessor jurídico, equipe formada para dar o melhor atendimento possíveis aos associados e estabelecer a comunicação com a categoria e a sociedade em cada uma dessas localidades.

“Antigamente, o Simers ‘morava’ em Porto Alegre e recebia as demandas do Interior. Agora, o sindicato tem casas no Interior também”, comemora Matias, ao enfatizar a importância de o sindicato estar próximo de estudantes e profissionais para prestar o auxílio necessário de acordo com cada realidade. “Temos muito orgulho deste trabalho, que foi feito a muitas mãos”, completa o presidente, referindo-se à atuação de gestões anteriores do Simers.

Outro avanço, conta o dirigente, diz respeito à formação dos núcleos de especialidades (Acadêmico, Combate ao Exercício Ilegal da Medicina, Combate à Precarização do Trabalho Médico, Médico Jovem, Obstetria e Psiquiatria).

Os profissionais também contam com serviços jurídicos caso necessite em qualquer instância – cível ou penal – que envolva a atuação de médico. “Nenhum profissional está livre de sofrer processo e, aqui, os associados sabem que não terão custos com isso. É como se fosse um seguro”, exemplifica Matias, enfatizando que todas as filiações são espontâneas e dão condições ao sindicato de ampliar a gama de alternativas criadas para contemplar as demandas da categoria cada vez mais e melhor.

Muitas das situações sobre falta de estrutura de trabalho que vieram à tona sobre a rotina dos médicos em hospitais em função da disseminação da Covid-19 não são novidade para o Simers e categoria. “A pandemia desnudou uma realidade que surpreendeu a sociedade, mas que, infelizmente, é nossa velha conhecida e foco da luta contra a precarização do trabalho”, destaca Matias.

O dirigente explica que havia uma falsa sensação de que o Sistema Único de Saúde (SUS) estava pronto e que era só fazer uso dele, mas que, na verdade, ele carece de muitos recursos para ter o funcionamento adequado. Foi o que aconteceu com a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para profissionais de saúde, que sequer tinham máscaras adequadas no início da pandemia, assim como de equipamentos essenciais, como respiradores, oxigênio e kits de entubação.



Marcelo Matias cita a proximidade com estudantes e profissionais

“O SUS é fundamental para a população e isso ficou mais do que evidente em função do novo coronavírus”, completa Matias, ao destacar que o Simers participa da luta para que o SUS tenha o financiamento adequado e que os profissionais possam atuar de forma segura, com os EPIs adequados. “Espero que tenhamos aprendido lição.”

Foi o sindicato, aliás, que liderou a luta pela inclusão de todos os médicos como profissionais prioritários para aplicação da vacina contra a Covid-19. Em um primeiro momento, a decisão do governo federal foi de que apenas os médicos que estavam na linha de frente, atendendo pacientes contaminados ou com suspeita de contaminação pelo novo coronavírus estivessem entre os primeiros na fila de imunização.

No entanto, profissionais de outras áreas, como os que atuam em consultórios médicos, corriam o mesmo risco ao estarem frente a frente com os pacientes

e suscetíveis à contaminação da mesma forma. “Com um trabalho quase individual, com as secretarias de Saúde dos municípios gaúchos, fomos negociando para inverter esta situação de forma pontual, até que se encontrasse a solução macro, o que acabou acontecendo mais tarde”, ressalta o vice-presidente do Simers, Marcos Rovinski.

Mas a luta não se encerrou por aí. Recentemente, o sindicato também precisou atuar em várias frentes para que os médicos recebessem a terceira dose de reforço contra a Covid. “A categoria médica nunca se omitiu durante o combate à pandemia. Muitos ficaram doentes, outros morreram, e alguns ainda estão em recuperação, porque a doença deixa sequelas importantes. Mesmo assim, a categoria não abriu mão da prerrogativa de atender seus pacientes”, afirma Rovinski, ao esclarecer que o impacto também foi financeiro, com redução drástica da procura por atendimento em consultórios.

Associação Médica do Rio Grande do Sul completa 70 anos no dia 27 de outubro

Para celebrar a data, Amrigrs promove uma série de atividades; entidade fará homenagem a médicos

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

No mês em que completa sete décadas de representatividade dos profissionais do setor, a Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigrs) realiza uma série de festividades.

O aniversário de 70 anos da entidade é no dia 27 de outubro, quando a Assembleia Legislativa irá agraciar a Amrigrs com a Medalha da 55ª Legislatura. Outra homenagem ocorreu no dia 14, quinta-feira, na Câmara Municipal de Canoas.

No sábado, conselheiros, representantes seccionais e associados participaram de um jantar, em que foram divulgados os vencedores do Prêmio Amrigrs de Jornalismo. No mesmo dia, ocorreu o III Congresso do Departamento Universitário da entidade, com o objetivo de auxiliar acadêmicos

e provocar reflexões nos futuros médicos sobre diversas áreas.

No dia 24 de outubro, às 10h, ocorre um ato religioso na Catedral Metropolitana de Porto Alegre. “A missa deve homenagear os médicos que se infectaram e os que morreram por conta do novo coronavírus durante o enfrentamento da Covid-19 no Estado”, destaca o presidente da Amrigrs, Gerson Junqueira Jr.

Segundo ele, outra iniciativa será a inauguração, em novembro, do Memorial da Gratidão - monumento em bronze de autoria do escultor e cirurgião plástico, Paulo Favalli. De acordo com Junqueira Jr, a obra é uma homenagem aos médicos que morreram durante o enfrentamento da doença, e deve ficar exposta permanentemente na sede da Associação Médica.

Lembrando que um dos objetivos da entidade é a “expansão do conhecimento e das boas práticas tendo a ciência médica como o principal pilar”, o presidente da Amrigrs diz que o cooperativismo é outra base da Associação. “Juntos, somos mais fortes, e temos mais poder e voz”, declara.



Junqueira Jr. lembra os médicos que morreram no combate à Covid

“Nossos tópicos também são a defesa profissional na educação médica”, sublinha Junqueira Jr.

No que se refere ao enfrentamento da pandemia de Covid-19, Junqueira Jr. observa que a área enfrentou muitos momentos difíceis, com o advento de um vírus desconhecido, mais de uma onda da doença, sendo que a terceira onda (em março e abril de 2021)

ainda gerou esgotamento de leitos de UTI, contingenciamento de leitos e superlotação de hospitais, entre outros problemas, com profissionais dobrando de horário de trabalho, e alguns inclusive sofrendo com síndrome de burnout.

“Ainda assim, médicos e outros profissionais de Saúde se mantiveram firmes e fortes. Teve muita dor e

sofrimento, muitas pessoas morreram, muitos (infectados) ficaram com sequelas pós-Covid (respiratórias, renais, cardíacas, neurológicas e psicológicas)”, destaca o presidente da Amrigrs.

Na visão do dirigente, “a saúde mental de quem teve a doença ‘é um problema’ a ser enfrentado pelos brasileiros. “Eu entendo que a população, ao longo destes (mais de 18) meses, percebeu melhor a importância dos médicos - e dos demais profissionais de saúde - na sociedade. Tanto que recebemos muitas homenagens, como palmas nas janelas, o que foi bem tocante.”

O presidente da Amrigrs pondera que “agora surge outro desafio”, que é o represamento de outras patologias que não foram diagnosticadas ou tratadas no período mais grave da pandemia. “São inúmeros pacientes com casos de hipertensão, diabetes, câncer, que precisam de cirurgias e de exames. Precisamos resolver esse grande contingente de pessoas com doenças a serem combatidas daqui para frente. Há uma demanda reprimida muito grande.”

COOPERATIVISMO

Unimed Federação/RS prepara celebração de cinquentenário

Entidade aposta em visitas a cooperativas no interior do Rio Grande do Sul para debater caminhos e construir novas soluções para as organizações

O presidente da Unimed Federação/RS, Nilson Luiz May, iniciou uma série de visitas a todas as cooperativas médicas do Rio Grande do Sul. O objetivo é reconhecer a história e alinhar ações, no presente, para fortalecer a unidade e projetar os próximos passos na busca do crescimento sustentável do Sistema.

A iniciativa, denominada “Unimed/RS 50 anos na estrada, rumo ao futuro” se insere na programação alusiva ao Dia do Médico, e também dá início às comemorações do cinquentenário da cooperativa, a ser celebrado em junho de 2022.

De acordo com Nilson May, o que se busca é sentir o pulso de cada Unimed. Na avaliação do presidente, as primeiras visitas tiveram uma excelente repercussão. “A interiorização tem dois focos: a preservação da doutrina cooperativista e o estabelecimento de ações que fortaleçam o Sistema diante da dinâmica mercadológica, permitindo, com isso, estabelecer a ponte entre capital e trabalho, garantindo competitividade e avanços em inovação, gestão e nas plataformas de verticalização dos serviços”, observa. O presidente destaca a receptividade dos dirigentes locais, observando a importância da presença ‘in loco’.

A jornada dos 50 anos foi aberta em 6 de outubro, em Ibirubá, sede da Unimed Alto Jacuí. Lá, a comitiva da Federação foi recepcionada pelo presidente Oromar Vasconcelos Suertegaray e pela diretora



May lidera projeto ‘Unimed/RS 50 anos na estrada, rumo ao futuro’

administrativa, Sheila Maria Boff. Depois, as atividades se desenvolveram em Cruz Alta, onde a presidente da Unimed Planalto Central/RS, Claudia Barros, ao lado dos vice-presidentes Administrativo, Vilmar Miro Dürks, e Financeiro, Philadelpho Moanoel Gouveia Filho, apresentou dados que demonstram o crescimento gradual da organização.

No dia 7, a Unimed Noroeste/RS foi palco de uma série de visitas e reuniões, que começaram no recém-inaugurado Centro Oncológico, localizado junto ao Hospital da Cooperativa. Sob a

coordenação do presidente do Conselho de Administração, Volnei Malheiros, e do diretor-superintendente, Leandro Roberto Oss Zambon, a Singular, que completa 50 anos de vida neste mês de outubro, reforçou seu compromisso com o Jeito de Cuidar Unimed e a verticalização como estratégia, por meio de seus serviços próprios.

Na sequência, a comitiva se dirigiu à Unimed Região da Produção/RS. Na companhia do presidente Luiz Carlos Colle Thomé e do vice, Paulo Roberto Cattapan, o grupo visitou o Hospital Dia da Singular, conhecendo o novo bloco cirúrgico.

No dia 8 de outubro foi a vez da Unimed Planalto Médio/RS, em Passo Fundo. Ao lado do presidente Francisco José dos Santos Neto, e de seu vice, Luiz Antônio Sagebin Albuquerque, os representantes da Federação apresentaram ações estratégicas do Sistema, além de visitarem as futuras instalações do Serviço de Oncologia da Sócia, que deve ser inaugurado em janeiro do próximo ano.

Ainda no dia 8, roteiro incluiu Erechim, onde os líderes da Federação participaram de evento alusivo ao cinquentenário da primeira cooperativa médica do Estado, a Unimed Erechim, fundada em 5 de outubro de 1971. Na ocasião, sob a condução do presidente local, Luiz Felipe Barreche Leães, foi inaugurado o Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital da Singular.

Sob a liderança da Unimed Federação/RS, o Sistema Cooperativo Empresarial Unimed-RS cobre 100% do território gaúcho e conta, ainda, com a Uniair, Central de Serviços, Unicooped, Instituto Unimed e Casa da Memória. No total, são 27 Unimed Singulars, 15,5 mil médicos cooperados e 1,8 milhão de beneficiários, atendidos por nove hospitais próprios, 56 clínicas e laboratórios próprios, 19 pronto-atendimentos próprios, além de 10 SOS próprios e três hospitais dias.

Seu **LEÃO** ganha mais força quando vira **DOAÇÃO!**

Até **30 de dezembro de 2021**, você pode doar **parte do seu Imposto de Renda** para ajudar a levar movimento aos **pacientes da AACD/RS**.

Se doar como pessoa física, você pode destinar até 6%. Se for como pessoa jurídica, até 1%.

Mais informações:

☎ 51 3382-2222

✉ recursosrs@aacd.org.br



Alice, Paciente da AACD



vida é movimento
Porto Alegre - RS

PREVENÇÃO

Do álcool em gel à máscara: os hábitos que devem permanecer no pós-pandemia

Novo coronavírus obriga a população a adotar medidas e modificar rotinas para se proteger

Juliano Tatsch

juliano@jornaldocomercio.com.br

Quando no dia 26 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde anunciou a confirmação do primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus no Brasil, ninguém tinha ideia de como a pandemia iria afetar a vida de todos os brasileiros. Ao se olhar para trás, passados quase um ano e oito meses daquele dia, nota-se que muita coisa mudou. E uma dessas mudanças diz respeito ao modo como as pessoas se comportam diante de uma situação de risco sanitário.

O medo de ser contaminado por um vírus desconhecido e mortal alterou a vida de todos. Lavar as mãos com muita frequência, carregar um tubinho

de álcool gel na bolsa, na mochila ou no porta-luvas do carro, desinfetar as compras depois de chegar do mercado, tirar os sapatos ao entrar em casa, abrir as janelas dos espaços fechados e desligar o ar-condicionado, manter distância em filas, não sair de casa quando do surgimento de sintomas respiratórios, cumprimentar com o cotovelo, usar máscara.

Uma pesquisa realizada em novembro do ano passado pela multinacional SC Johnson, que fabrica produtos de higiene e limpeza, apontou que 63% – quase dois em cada três brasileiros – mudaram os hábitos de desinfecção em suas casas durante a pandemia.

O fato é que a pandemia mudou tudo. Diante dessa transformação forçada, a pergunta que fica é a seguinte: após o novo coronavírus deixar de ser um risco grave presente no cotidiano dos brasileiros, quais desses hábitos de saúde e higiene irão permanecer na rotina das pessoas?



ALEXEY ZHILKIN/FREEPIK/DIVULGAÇÃO/JC

Ações preventivas foram fundamentais para que a doença não atingisse ainda mais pessoas no Brasil

Confira alguns hábitos que mudaram com a pandemia

- desinfetar compras ao chegar em casa
- lavar as mãos com frequência
- utilizar álcool em gel nas mãos
- carregar álcool em gel na bolsa ou no carro
- desinfetar aparelhos de uso repetitivo, como celulares, teclados, computadores
- desinfetar brinquedos e objetos utilizados por crianças
- ficar em casa quando surgirem sintomas respiratórios
- adotar o ensino remoto em caso de o estudante apresentar sintomas respiratórios
- utilizar máscara ao sair em caso de sintomas respiratórios leves
- trocar de roupa ao entrar em casa
- tirar os sapatos quando chegar em casa
- tomar banho ao chegar em casa
- evitar tocar nos olhos, nariz ou boca sem estar com as mãos devidamente higienizadas
- ventilar ao máximo ambientes residenciais, de trabalho ou meios de transporte (ônibus, táxis, carros de aplicativos)
- higienizar maçanetas e interruptores de luz

Higiene das mãos e uso do álcool em gel devem ficar, mas a máscara tende a cair em desuso

Para o médico internista e intensivista do Hospital Mãe de Deus, Gregory Saraiva Medeiros, a pandemia levou a uma reflexão sobre segurança sanitária, especialmente na população brasileira, onde, por questões culturais, a proximidade é muito forte. “Pela primeira vez, talvez, a população brasileira tenha reconhecido algum perigo em estar próximo de outras pessoas”, observa.

O médico, que também é professor da Faculdade de Medicina da Unisinos, diz ser difícil prever quais hábitos irão se manter após o fim da pandemia. No entanto, ele arrisca um palpite. “Acho que o uso do álcool em gel vai ficar, a higienização das mãos vai ficar, mas vejo que, do ponto de vista cultural, possivelmente a máscara e o distanciamento social sejam medidas sanitárias que não serão mantidas a longo prazo”, destaca Medeiros.

Melissa Markoski é professora da área de Biossegurança na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). A docente, que é doutora em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), acha que, para

uma boa parte da população, a pandemia trouxe algumas considerações sobre como é possível prevenir doenças com hábitos de higiene. “Muitas pessoas, por exemplo, se deram conta de que ficar mais isolado, usar máscara, higienizar melhor as mãos, previne doenças comuns do dia a dia. Mas não é para todos. Ainda temos pessoas que estão seguindo orientações pelo simples fato de seguir, mas que não pararam para pensar sobre isso. Outras não possuem acesso à educação mais básica sobre questões relacionadas à higiene. E outras simplesmente não acreditam”, afirma.

No que diz respeito aos hábitos que irão permanecer mesmo com o fim da crise sanitária, a professora destaca um em especial. “Já tivemos isso na pandemia de influenza em 2009 e, agora, a pandemia de coronavírus talvez tenha reforçado, que é a importância de termos as mãos higienizadas, de adotarmos o uso do álcool em gel quando na rua”, aponta, salientando outra medida que crê deva ser mantida por algumas pessoas. “Sou favorável à adoção de máscara para quando se está doente ou para quando se vai

a um local de alta exposição. Se você vai visitar alguém em um hospital, por exemplo, seria uma medida interessante utilizar uma máscara, algo que te proteja de pegar doenças e que também proteja as pessoas mais vulneráveis. Talvez um pouco o distanciamento, não falar tão próximo de outra pessoa. Mas, como eu disse, isso é para um grupo de pessoas. Não acredito que toda a população vai modificar a sua forma de viver”, enfatiza Melissa.

A percepção das pessoas acerca da relação entre suas ações e sua saúde é um dos pontos que a médica infectologista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) Caroline Deutchendorf enxerga como uma das coisas que irá impactar na adoção de hábitos de higiene e segurança sanitária da sociedade. “Acredito que a pandemia fez a população em geral perceber que existem medidas simples que podem prevenir a transmissão das infecções, e que hábitos de higiene vão ser incorporados à rotina diária das pessoas. Além disso, informações sobre as doenças infecciosas e como elas são transmitidas foram muito veiculadas,

trazendo maior conhecimento à população sobre o tema”, afirma.

Para a médica, que é coordenadora da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do HCPA, a higiene das mãos e medidas de etiqueta respiratória, como cobrir a boca e o nariz ao tossir e espirrar, se manterão mesmo com o fim da pandemia de Covid-19. “São medidas importantes para evitar a transmissão de doenças infecciosas respiratórias. São simples e eficazes para prevenção da transmissão de infecções. Além disso, as pessoas com doenças infecciosas devem estar afastadas pelo período preconizado para a doença, evitando a manutenção da cadeia de contágio”, observa.

Em paralelo aos hábitos que os especialistas acham que irão continuar pós-pandemia, estão aqueles que os professores creem que deveriam se manter, mas que não sabem ao certo se isso irá, de fato, acontecer.

Para Gregory Saraiva Medeiros, as ações que deveriam se perpetuar vão além dos atos físicos, como lavar as mãos ou usar máscara. “Um hábito que certamente não deveríamos perder é a capacidade de olhar para

o outro, colocar a segurança do outro sempre no nosso pensamento, ter um senso de coletividade, entender que a saúde pública e planos de combate às pandemias são muito importantes”, salienta.

A professora da Ufcsa, por sua vez, reforça que algumas normas deveriam ser mantidas pelo poder público, também como forma de conscientização de longo prazo para o caso de uma nova pandemia surgir. “Que essas rotinas não sejam algo que tenhamos de reaprender, mas que já saibamos como agir. E, principalmente, tem de ser reforçado que essas medidas todas são individuais, mas também são coletivas. Quando você usa a máscara, faz distanciamento e se vacina, você se protege, mas também protege outras pessoas. Isso precisa ficar muito reforçado. É algo coletivo, para protegemos a coletividade. Isso não ficou muito bem trabalhado na pandemia. É algo que precisa ser pensado em conjunto, para que tenhamos respostas mais rápidas e não precisemos ficar quase dois anos com uma doença que só agora começa a dar sinais de controle”, conclui.

No trabalho ou em casa, rotinas mudaram e devem permanecer

A porto-alegrense Ana Clara Macedo tem 34 anos e é designer de sobancelhas e de cílios. Ela realiza seus atendimentos no domicílio dos clientes e, desde que o novo coronavírus chegou na Capital, teve de adotar uma série de medidas visando a segurança dos clientes e a sua própria. “Eu não usava máscara antes, e a higiene das mãos não era realizada com tanta frequência. Agora, em todos os atendimentos, uso a máscara e exijo que o cliente faça o mesmo, até porque eu tenho de ficar muito próxima da pessoa, pois é um trabalho de detalhes”, afirma. Além disso, Ana também adotou outro hábito na sua rotina de trabalho diária. “Agora, sempre que eu entro na casa de uma cliente, retiro os sapatos. Nem precisa ela pedir”, diz.

Os cuidados visam à saúde dos dois lados, mas, também, tem a manutenção da renda mensal como motivo, afinal de contas, profissional

doente não pode trabalhar e cliente doente não pode solicitar o serviço. “Pretendo manter todos esses cuidados após o fim da pandemia. Tenho duas filhas crianças e, com a pandemia, me dei conta de que posso acabar levando alguma doença para casa”, observa.

As rotinas de higiene não mudaram somente para quem trabalha na rua. A dona de casa Cármen Costa também teve de alterar hábitos do dia a dia. Aos 68 anos, se viu obrigada, pela primeira vez, a desinfetar as compras realizadas logo após colocar os pés dentro do apartamento. “Fiquei com muito medo de contrair essa doença. Eu tenho bronquite crônica e sei que, se me contaminasse, o risco de ir parar em um hospital era grande. Então, passei a limpar com álcool praticamente tudo que entra em casa”, aponta.

Moradora do bairro Cavalhada, em Porto Alegre, Cármen separou um



Com a pandemia, famílias passaram a desinfetar produtos comprados no supermercado

espaço na área de serviço para desinfetar os produtos comprados no supermercado, na padaria ou na fruteira. “Eu passo álcool 70º em tudo. Desde o início da pandemia. Todo mundo pega,

agarra, respira, em cima desses produtos. Me sinto mais segura fazendo isso e posso dizer que deu certo, pois não me contaminei”, diz ela, que, por morar sozinha, teve de manter todas

as rotinas de diárias de saídas de casa. “Se eu vou manter isso depois que a pandemia acabar? Claro que vou! Não me toma muito tempo e é uma forma de me proteger”, salienta.

Manutenção dos cuidados no ambiente de trabalho irá prevenir outras doenças

A pandemia do novo coronavírus trouxe um desafio para as empresas: como manter as rotinas de trabalho sem expor os trabalhadores ao risco de se contaminar? O home office foi a alternativa encontrada por muitos empresários para proteger seus funcionários. A medida se popularizou e, inclusive, deve ser adotada como permanente por várias companhias. No entanto, algumas atividades necessitam da presença física no ambiente de trabalho. É aí que se fez necessária a adoção de práticas de segurança sanitária. Nesse contexto, o papel dos profissionais da medicina do trabalho ganhou ainda mais relevância. Em entrevista ao Jornal do Comércio, a presidente da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt), Rosylane Rocha, fala sobre como as empresas deverão manter os hábitos de higiene de seus colaboradores e sobre a importância dessa manutenção como prevenção para outras doenças.

Jornal do Comércio - A pandemia exigiu que empresas fizessem adaptações e mudanças em seus ambientes. Quais delas devem

permanecer após o fim da crise sanitária?

Rosylane Rocha - As medidas higiênicas para contenção da transmissão do Sars-Cov-2 acabaram diminuindo também o número de infecções por outras causas. Então, devem-se manter após a pandemia o cuidado com a higiene das mãos e da estação de trabalho, a preferência por um ambiente ventilado e a orientação para que as pessoas que estiverem gripadas e em condições de trabalhar, que utilizem máscaras. Esse é um hábito que pessoas que moram em países asiáticos têm e que nós deveríamos adotar aqui também: se a pessoa está gripada, resfriada, espirrando, tossindo, e em capacidade de trabalhar, que utilize máscaras em ambientes públicos e em seu local de trabalho.

JC - Como as empresas deverão trabalhar na manutenção dos hábitos de higiene por parte de seus profissionais e convencê-los de que a manutenção desses hábitos é necessária?

Rosylane - Este trabalho deverá ser feito principalmente durante as campanhas, como a Semana Interna

de Prevenção de Acidentes do Trabalho (Sipat), palestras de hábitos saudáveis, o programa de qualidade de vida. A empresa deve aproveitar todas as oportunidades para reforçar a questão da higiene, até porque, como dito, estes hábitos previnem a infecção por outras doenças. Além disso, sabemos que as campanhas de saúde no trabalho transcendem o ambiente das empresas e chegam até a comunidade em que a empresa está inserida.

JC - Acredita que alguns hábitos adotados nesse período acabarão sendo deixados de lado?

Rosylane - Sim. O uso de máscara que é o que mais incomoda as pessoas, principalmente em situações como atividades físicas ou quando estão trabalhando em um ambiente pouco ventilado. As pessoas têm dificuldade e se sentem mal ao usarem máscara, então este é um hábito que deve acabar sendo deixado de lado. Mas é importante que o trabalhador seja orientado a usar máscara caso esteja em condições de trabalhar mas apresente alguma infecção respiratória, gripe, resfriado, rinite alérgica.



Rosylane Rocha preside Associação Nacional de Medicina do Trabalho

Se tem algo que **une** todos os médicos **é o amor pela vida.**

O ano não foi fácil.

Foram muitos desafios e
momentos de incerteza.

**Mas tudo vale a pena
quando existe a união por
um bem maior.**

Essa dedicação sem limites
em exercer aquilo que foi
aprendido durante muitos
anos de estudo merece um
reconhecimento único,
que faz da sua profissão
uma das mais lindas e
importantes. Um trabalho
em que a união e a paixão
são fundamentais para que
o maior objetivo seja
atingido: **a valorização de
cada indivíduo.**

**18 de outubro
Dia do Médico**



CREMERS

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

